

## 4

### CONCLUSÃO

Chegamos ao fim desta dissertação, porém não encerramos aqui as discussões e reflexões abordadas neste trabalho, sobretudo os debates sobre os objetos artesanais produzidos no cotidiano e a relação com o campo do design. Este trabalho pretendeu estabelecer diálogos entre distintos modos de produção de artefatos materiais da cultura popular brasileira, artefatos estes, que se tornam invisíveis no nosso cotidiano e são diluídos na forma de cultura material.

Trilhamos nosso caminho compreendendo que o campo do design poderá discutir e abranger o estudo desses artefatos artesanais uma vez que é da especificidade do campo a produção de objetos produzidos em série ou não, presentes em nossas vidas. E mesmo que esses objetos possuam métodos e processos diferenciados em suas execuções e projetos, sabemos que todo objeto projetado e produzido pelo homem, seja ele, designer ou artesão implica na utilização de métodos, etapas, processos e pensamentos. Construimos nossas reflexões sobre metodologia baseados na teoria do campo autônomo de Pierre Bourdieu, de modo que, essas leituras nos possibilitaram o entendimento da metodologia como um instrumento que dá coerência ao campo, e sentido a produção de objetos de design. Entendemos aqui que a metodologia projetual é um artefato da cultura imaterial que dá sentido aos objetos, como uma instância legitimadora que contribui para legitimação do campo e proporciona distinção entre os pares e transmite valores para a sociedade que os consomem.

Neste trabalho a utilização dessa linha teórica nos permitiu a interação e o diálogo com outros campos e metodologias, e na verdade nossa discussão pretendeu ultrapassar os limites definidos do que seriam objetos de design ou objetos artesanais, mas procuramos olhar para o objeto e contexto em que este está inserido, e pensar deste modo, sobre metodologias nos possibilitou a liberdade para traçarmos paralelos, interseções entre modos distintos de produzir, e representar um determinado objeto.

Porém toda reflexão só é possível através de contrastes, e é a partir dos contrastes que nasce a discussão, e deste modo produzimos, ou iniciamos uma tentativa de produzir ciência, não há, pois uma verdade, mas a discussão em si.

O recorte que nos permitiu essa discussão esteve diretamente relacionado com a oposição entre design e artesanato, e a permanência dos artefatos artesanais na contemporaneidade, em uma sociedade industrial e tecnológica. Questionando-nos por que persistem esses produtos artesanais? Esse produto artesanal contém conhecimento tradicional, manutenção, tecnologias híbridas e, sobretudo, gera lucro e sustento para inúmeras famílias e cidades pelo país, por isso persistem. É uma via de produção econômica, gera lucro, é histórico, produz o híbrido, relacionam-se com outras culturas, e o capitalismo não o nega, muito pelo contrário, se apropria dele e incorpora-o em seu sistema mercadológico.

Destacamos ao longo do trabalho os pontos de convergência e divergência entre o campo do design e do artesanato, apresentamos iniciativas híbridas, que nos possibilitaram exemplificar nossa tese de que quando essa junção ocorre de modo sério, ético e respeitoso, todos lucram com a iniciativa, artesãos, empresas, designers e o próprio país, que fortalece sua imagem e tradições culturais.

Nossa análise como foi diversas vezes afirmado ao longo do trabalho não esteve centrada no objeto, e sim, no contexto social em que o objeto foi criado, ou o que precedeu esta criação. De modo que, ao privilegiarmos como nosso objeto de pesquisa os artefatos com linhas e agulhas produzidos na esfera doméstica por mulheres idosas, percorremos um caminho ao longo do tempo e espaço para compreendermos o que precedeu a criação desses objetos, bem com a análise de histórias, mitos gregos relacionados ao tecer que estão de certo modo presentes na ancestralidade feminina, passando pela história de divulgação e apropriação dessas técnicas pelos povos, sobretudo no Brasil que contém uma grande variedade de técnicas artesanais ligadas a linha e agulha, e a apropriação pela indústria dessas práticas essencialmente domésticas e incorporadas nas indústrias têxteis, a inculcação e a formação de uma mão de obra qualificada neste ofício de costura e bordado. Saberes que mesmo na contemporaneidade, com mulheres a frente de funções nunca antes imaginadas, não desapareceram, continuam entre nós, permanecem vívidos no imaginário feminino.

O conceito de *habitus* que aqui utilizamos para fundamentar nossa análise foi de grande importância para comprovarmos a eficiência da esfera doméstica e educacional em inculcar determinadas práticas e condutas que definem o estilo de vida e o gosto de uma determinada categoria etária, aqui as mulheres idosas

que analisamos e aprofundamos nosso estudo com a pesquisa de campo, o Projeto Retalhos de Memória.

Essa pesquisa de campo contribuiu para o diálogo e aproximação com essa categoria etária que é muita das vezes ignorada pela sociedade, que os rejeita e não valoriza sua sabedoria na forma de cultura material e imaterial, além do o resgate e estudo de inúmeras técnicas artesanais com linhas e agulhas.

Verificamos que essas técnicas foram apreendidas por essas mulheres quando meninas repassadas de mães para filhas, nas aulas de trabalhos manuais, porém não apenas dessa maneira, mas na narrativa publicitária de revistas e publicações de épocas e até mesmo na rádio, saberes essenciais na formação de uma boa mãe, esposa prendada, rainha do lar ou ainda na formação da mão de obra feminina, sobretudo as moças oriundas de camadas sociais populares, como um ofício extra doméstico permitido as mulheres naquela época, para trabalhar nas inúmeras novas indústrias têxteis que abriram no início e meados do século passado. Muitas foram as técnicas apresentadas pelas participantes da pesquisa, como os diversos tipos de bordado, o crochê, tricô, o fuxico, e a costura, entre outros, nos mostrando que essas formas não são vazias, que contém uma minúcia, riqueza e variedade de técnicas.

Sabemos, é óbvio que essas mulheres não são designers, e não pretendemos neste trabalho desqualificar os objetos de design, mas contribuir para a reflexão e estudo dos objetos produzidos no cotidiano brasileiro, e voltar nosso olhar e esforços para esses objetos significa não desconsiderar a inventividade, saber técnico e métodos presentes na produção de artefatos populares, que muita das vezes são desqualificados pela Academia, não existindo um campo específico para o estudo desses artefatos, e sim formas distintas de representá-los, seja no campo do design, da arte, da antropologia, sociologia e etc., cada campo dando sua contribuição e olhar para a legitimação desses artefatos.

Em alguns momentos percebemos que há certa discriminação pelo estudo desses objetos e técnicas, não apenas no meio acadêmico, ou até mesmo no campo do design, mas uma exclusão presente na sociedade, que muita das vezes rejeita não apenas homens e mulheres velhos, mas práticas populares, valores e condutas, que se tornam obsoletas e descartáveis, nesses tempos de consumo desenfreado, alta tecnologia e globalização. Desconsiderando-se deste modo

muita sabedoria, conhecimento, e a história e tradição de nosso povo e dos artefatos brasileiros.

Nossa tese é de que talvez o velho, o bordado, os artefatos e popular são excluídos porque fazem parte de uma margem, de uma zona periférica, ou até mesmo de um tempo de outrora, que perdeu seu valor, de atraso, entretanto, essa pesquisa nos mostrou que há sim espaços para a inclusão de velhos, do popular, e do artesanal na contemporaneidade, e inúmeras são as iniciativas híbridas que produzem bons resultados ao promover a inclusão social e cultural.

Portanto, concluímos que esses artefatos e práxis da cultura material brasileira merecem um estudo e uma legitimação pelo campo do design, que muito tem para contribuir e aprender com o design popular brasileiro, pois para o campo do design é enriquecedor dialogar e conhecer novos modos de produção de artefatos por pessoas distintas, ampliando deste modo sua atuação e promovendo e definindo melhor suas interseções com os campos que faz fronteira.